



Márcia Dias dos Santos

Ruas bifurcadas que não chegam mais às esquinas encharcadas de transeuntes.  
 A escassez de gentes com a pulsação acelerada deu lugar a maciças ideias de verdejar o labor.  
 Em casa, as crianças sorriem, gritam, choram, brincam e saem.  
 Já não há mais o temeroso  
 Invisível suspiro que toca e afasta as mãos e anula os abraços.  
 É tempo de aproximação.  
 As máscaras (re) existem nos rostos daqueles que outrora não ouviam o canto pandêmico dos loucos das janelas.  
 Tantas balbúrdias afrontosas sobre uma inexistência que só os olhos de quem era tocado por Bertold Brecht poderiam ver o mar de tubarões em busca de peixinhos que ficariam à deriva ou seriam sufocados.  
 Respirou-se como pode.  
 Asfixiou-se onde estavam.  
 Depois, ressurgidos, continuaram pássaros e peixes cantando uma nova melodia para loucos dançarem.  
 Hoje, talvez os tubarões tenham menos fome.  
 A linha tênue das (in) certezas não permite mais a abundante mordida.  
 Verdejou.  
 A cor da fé é caleidoscópica.  
 O milagre vai ser gestado pelo Jaçanã que caminha sobre as águas.  
 Ele vai nos apresentar os filhos renovados pelo invisível avassalador.  
 Não hesite.  
 Se voltar, tornar-se-á isolado e afundará na sua coletividade desumana.